

MANIFESTAÇÕES FESTIVAS: LEITURA E REPRESENTAÇÃO

FESTIVE MANIFESTATIONS: READING AND REPRESENTATION

André Aparecido Garcia¹

Resumo: Este artigo busca compreender, por meio das obras *A Moreninha* e *Memórias de um Sargento de Milícias*, como os autores Macedo e Manoel de Almeida representaram o comportamento social de suas personagens quando estas estão envolvidas em manifestações festivas. Os dois romancistas apresentam personagens que se relacionam de formas diferentes num espaço festivo. O primeiro descreve as relações sociais numa festa de Batizado; enquanto o segundo um Sarau. Seguindo os caminhos propostos por Chartier, busco compreender a festa não como o território do pitoresco ou do anedótico, mas como lugar revelador das clivagens, tensões e representações que atravessam uma sociedade.

Palavras-chave: Festa; Literatura Brasileira; Representações Sociais.

Abstract: This article investigates in the novels *A Moreninha* and *Memórias de um Sargento de Milícias* how the authors Joaquim de Macedo and Manoel de Almeida represented the social behavior of their characters when they are involved in festive manifestations. The two novelists feature characters who have different social behavior at a festive space. The first describes the social relationships at a baptism party, while the second at a poetry “Sarau”. Following the ways proposed by Roger Chartier, I seek for the understanding of the party, not as picturesque or anecdotic territory, but as a place which reveals the conflicts, tensions and representations that are part of a society.

Keywords: Party; Brazilian Literature; Social Representations.

Habitus é o processo de curialização; é também um processo de remodelação da afetividade que submete o homem a uma rede apertada de autocontroles automáticos que refreiam todos os impulsos espontâneos, todos os movimentos imediatos. Este habitus adapta cada conduta à relação onde ela se inscreve e adapta cada comportamento à finalidade que ele deve permitir atingir (ELIAS, 1986, p. 113).

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

1 André Aparecido Garcia é mestre pela Faculdade de Educação – Unicamp - e atualmente doutorando pela mesma. E-mail: garcia-andre@hotmail.com ou garciapaula@ig.com.br .

As obras *A Moreninha* de Joaquim de Macedo e *Memórias de Um Sargento de Milícias* de Manoel Antonio de Almeida, publicadas no decorrer do século XIX, apresentam o comportamento social de algumas personagens quando estas estão envolvidas em manifestações festivas.

Seguindo os caminhos propostos por Roger Chartier na obra *Leituras e Leitores na França do Antigo Regime*, pode-se compreender a "festa não como o território do pitoresco ou do anedótico, mas como lugar revelador das clivagens, tensões e representações que atravessam uma sociedade" (CHARTIER, 1996, p. 22).

Os dois romancistas, Manoel de Almeida e Macedo, apresentam personagens que se relacionam de formas diferentes num espaço festivo. O primeiro descreve as personagens envolvidas em uma festa de batizado do protagonista Leonardo; enquanto o segundo apresenta as personagens em um Sarau.

O narrador de *A Moreninha* está preocupado com uma narrativa que apresente o festejar das personagens que pertencem às classes médias da burguesia brasileira em ascensão; enquanto o do *Sargento de Milícias* extrai as suas personagens das camadas populares (subúrbio), designando muitas delas apenas pela profissão ou grupo social.

Portanto, ao relacionar as representações das festas no mundo burguês com as do subúrbio, pode-se perceber que “a festa é uma das formas sociais em que é possível observar tanto a resistência popular às injunções normativas quanto à remodelagem segundo os modelos culturais dominantes dos comportamentos da maioria” (CHARTIER, 1996, p. 23).

AS MANIFESTAÇÕES FESTIVAS EM MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS

De acordo com Antonio Candido, na obra *Formação da Literatura Brasileira* (1999, p. 198), Manoel Antonio de Almeida constrói uma narrativa de costumes que primeiramente fora destinada às páginas do jornal *Correio Mercantil*, do Rio de Janeiro, para depois publicá-lo no formato de livro. *Memórias de Um Sargento de Milícias* apresenta capítulos unitários, quase todos contendo um episódio completo.

O romance dá muita atenção às festas, encontros, instituições e profissões populares da cidade, cujas ruas são descritas com a animação de uma verdadeira narrativa de costumes. Trata-se, enfim, de um romance muito agitado e festivo, em que não há praticamente nenhuma página sem um incidente ou surpresa

espantosa. Em seu conjunto, a obra de Manoel A. de Almeida reconstitui a vida de Leonardo Pataca e de seu filho, Leonardo, em meio a um vivo retrato das camadas baixas do Rio de Janeiro de D. João VI. Além de se concentrar nas proezas (sobretudo amorosas) desses dois arquétipos da malandragem carioca (BOSI, 1994, p. 130-1).

O narrador de *Memórias de Um Sargento de Milícias*, ao descrever a festa de batizado do Leonardo, permite-nos pensar a apropriação de um modelo de festejar realizado na corte nas camadas populares do Rio de Janeiro do século XIX e as dificuldades em manter essas representações:

Chegou o dia de batizar-se o rapaz... A princípio o Leonardo Pataca quis que a festa tivesse ares aristocráticos, e propôs que se dançasse o minuete da corte... Depois do minuete foi desaparecendo a cerimônia, e a brincadeira aferventou, como se dizia naquele tempo. Chegaram uns rapazes de viola e machete... (ALMEIDA, 1995, p. 3)

O Minuete é uma dança nobre e graciosa e de origem francesa, conforme o dicionário Aurélio, e exigia que seus pares fossem próximos em estatura e tivessem leveza em seus movimentos. Na continuação do episódio do batizado, embora todos aceitem a idéia do Leonardo Pataca, pode-se perceber uma certa descompostura nos pares:

“...os convidados do dono da casa, que eram todos dalém-mar, cantavam ao desafio, segundo os seus costumes; os convidados da comadre, que eram todos da terra, dançavam o fado. O compadre trouxe a rabeca, que é, como se sabe, o instrumento favorito da gente do ofício. A princípio o Leonardo quis que a festa tivesse ares aristocráticos, e propôs que se dançasse o minuete da corte. Foi aceita a idéia, ainda que houvesse dificuldade em encontrarem-se pares. Afinal levantaram-se uma gorda e baixa matrona, mulher de um convidado; uma companheira desta, cuja figura era a mais completa antítese da sua; um colega do Leonardo, miudinho, pequenino, e com fumaças de gaiato, e o sacristão da Sé, sujeito alto, magro, e com pretensões de elegante. O compadre foi quem tocou o minuete na rabeca; o afilhadinho, deitado no colo da Maria, acompanhava cada arcada com um guincho e um esperneio. Isso fez com que o compadre perdesse muitas vezes o compasso, e fosse obrigado a recomeçar outras tantas. (ALMEIDA, 1995, p. 4)

De acordo com Chartier (Op.cit., p. 23) “*a festa se situa na encruzilhada de duas dinâmicas sociais: de um lado, a invenção e a expressão da cultura tradicional*

compartilhada pela maioria; de outro, a vontade disciplinante e o projeto aculturante da cultura dominante.”

A cerimônia aristocrática iniciada pelo Minuete adquiriu outras formas:

Chegaram uns rapazes de viola e machete: o Leonardo, instado pelas senhoras, decidiu-se a romper a parte lírica do divertimento. Sentou-se num tamborete, em lugar isolado da sala, e tomou uma viola. Fazia um belo efeito cômico vê-lo em trajes do ofício, de casaca, calção e espadim, acompanhando com um monótono zunzum nas cordas do instrumento o garganteado de modinha pátria... (ALMEIDA, 1995, p. 4)

A festa é, portanto, o lugar de um conflito em que se confrontam, ao vivo, lógicas culturais contraditórias: por isso ela autoriza uma apreensão das culturas “popular” e “erudita” nos seus cruzamentos e não apenas por meio do inventário dos motivos que supostamente lhe são próprios (CHARTIER, 1996, p. 23).

O canto do Leonardo foi o derradeiro toque de rebate para esquentar-se a brincadeira, foi o adeus às cerimônias. Tudo daí em diante foi burburinho, que depressa passou a gritaria, e ainda mais depressa à algazarra e não foi ainda mais adiante porque de vez em quando se viam passar através das rótulas da porta e janelas umas certas figuras que denunciavam que o Vidigal andava por perto. (ALMEIDA, 1995, p. 4)

A presença da personagem Major Vidigal como exemplo maior da lei e da ordem, exercendo a função de policial e juiz, permite pensar que é necessário um controle, pois a festa pode sempre descambar para a violência contra a ordem estabelecida.

Essas imagens festivas produzidas propõem uma extraordinária extensão e profundidade do universalismo popular. De acordo com Mikhail Mikhailovich Bakhtin em sua obra *Cultura Popular na Idade Média: o contexto de François Rabelais* pode-se pensar que “*essas imagens estão infinitamente afastadas da simbologia e do esquematismo abstrato. No sistema de imagens da festa popular, a negação pura e abstrata não existe. As imagens visam a englobar os dois pólos do devir na sua unidade do contraditório*” (BAKHTIN, 2008, p. 176).

A MORENINHA DE JOAQUIM DE MACEDO

Joaquim de Macedo, em *A Moreninha*, conta a história de amor entre Augusto e Carolina, com todas as suas peripécias, ilusões e final feliz. Nela, Macedo retrata pormenores da sociedade do século XIX, bem como o Sarau. Alfredo Bosi, na obra *História Concisa da Literatura Brasileira* (1994, p. 126-7), define o Sarau, descrito no capítulo XVI de *A Moreninha*, como uma festa à moda da Corte e um registro da vida social da burguesia carioca da época:

Um sarau é o bocado mais delicioso que temos, de telhado abaixo. Em um *sarau* todo o mundo tem que fazer... Finalmente, no sarau não é essencial ter cabeça nem boca, porque, para alguns é regra, durante ele, pensar pelos pés e falar pelos olhos.

O narrador de *A Moreninha*, ao descrever o sarau, revela-nos que nem todos estão ali para divertir-se, simplesmente desfrutando da música e da companhia de outros. Pode haver interesses que nada têm a ver com a finalidade de uma atividade cultural ou de lazer como, por exemplo, na passagem: “*O diplomata ajusta, com um copo de champanha na mão, os mais intrincados negócios*” (MACEDO, 2005, p. 66).

Segundo Chartier (1996, p. 38), a “festa remodelada pela burguesia faz-se tradutora de uma ideologia unitária da comunidade, que visa exprimir sua identidade em face dos poderes concorrentes e, para isso, deve eliminar suas divisões internas”. A descrição de como as moças circulavam pela sala indica uma atitude ensaiada, artificial, “deslizando pela sala e marchando em seu passeio, mais a compasso que qualquer de nossos batalhões da Guarda Nacional, ao mesmo tempo que conversam sempre sobre objetos inocentes que movem olhaduras e risadinhas apreciáveis.” (MACEDO, 2005, loc. cit.).

Pode-se perceber, de acordo com Chartier (1996, p. 23), que “a festa é sempre aquele momento particular, mas reiterado, em que se pode aprender – mesmo se mascaradas ou invertidas – as regras de um funcionamento social”.

O comportamento do dandy desejando impressionar a moça sentada ao lado da senhora idosa – “Ali vê-se um ataviado dandy que dirige mil finezas a uma senhora idosa, tendo os olhos pregados na sinhá, que senta-se ao lado” (MACEDO, 2005, loc. cit.) – revela-nos que um rapaz não poderia ser direto em suas intenções afetivas, pois ele se dirige à senhora idosa na tentativa de aproximar-se da moça. Com ironia, o narrador mostra-nos que a

maledicência, os comentários sobre a vida alheia faziam parte do comportamento daquele grupo social: “todos murmuram e não há quem deixe de ser murmurado” (Ibid., loc. cit.).

Segundo Roger Chartier (Op. cit., p. 22) "a festa pode ser instituída como um lugar de observação pertinente, onde se pode aprender uma estrutura social, um sistema de cultura, a fabricação de uma história ou de um legendário".

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Toda reflexão é o desejo de buscar algo, de chegar a algum lugar; de superação de obstáculos, os quais, às vezes, apesar de se apresentarem como muito complicados, nunca podem ser intimidadores.

Nesse artigo, a dificuldade que me propus a enfrentar foi basicamente compreender a representação do comportamento social das personagens das obras *A Moreninha* de Joaquim de Macedo e *Memórias de Um Sargento de Milícias* de Manoel Antonio de Almeida, quando estão envolvidas em manifestações festivas. O importante é destacar a festa como contestadora da ordem vigente.

Seguindo os caminhos propostos por Roger Chartier na obra *Leituras e Leitores na França do Antigo Regime*, tentei compreender a festa não só como o lugar do recreativo, do divertido, do imaginoso, mas revelador das tensões que interpõem as relações humanas.

Na obra *O problema da Descrença no Século XVI: a religião de Rabelais*, Lucian Febvre comenta que

cada época fabrica mentalmente o seu universo, não só com todos os materiais de que se dispõe, todos os factos (verdadeiros ou falsos) que herdou ou que acaba de adquirir, mas também com os seus próprios dons, a sua engenhosidade específica, os seus talentos, as suas qualidades e as suas curiosidades, tudo o que a distingue das épocas precedentes. [...] Paralelamente, cada época constrói mentalmente a sua representação do passado histórico. (FEBVRE, 1970, p.12)

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Antonio de Almeida. **Memórias de Um Sargento de Milícias**. São Paulo: Editora Núcleo, 1995.

BAKHTIN, Mikhail. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Editora Cultrix LTDA, 1994.

CANDIDO, Antonio. **A Formação da Literatura Brasileira**. 2 vol. Rio de Janeiro: Ed. Itatiaia Limitada, 1997.

_____. **Leitura e leitores na França do Antigo Regime**. Tradução de Álvaro Lorencini. São Paulo: Ed. Unesp, 1996.

FEBVRE, Lucian. **O Problema da Descrença no Século XVI: a religião de Rabelais**. Paris/Lisboa: Éditions Albin Michel/Editorial Início, 1970.

ELIAS, Nobert. **A Sociedade de Corte**. Lisboa: Ed. Estampa, 1986.

MACEDO, Joaquim de. **A Moreninha**. São Paulo: Ed. Martin Claret, 2005.

[Recebido: 04.mai.11 - Aceito: 16.mai.11]